

A EXPERIÊNCIA DO *CHRISTUS SACERDOS* (1966 – 1970) NA HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL

Letícia Gomes da Silva*

Ana Maria Gageiro**

RESUMO

O presente trabalho trata de um recorte histórico da implantação do pensamento psicanalítico na cidade de São Leopoldo e suas reverberações no movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. A partir da análise de arquivos e entrevistas, esta pesquisa considera como um fato histórico a elaboração e a execução do Curso *Christus Sacerdos* (1966-1970) e participação de analistas vinculados ao Círculo Carusiano e de padres jesuítas nesse curso com ênfase em Teologia Renovada e Psicanálise. Os padres participantes, todos com cargos importantes na formação do clero brasileiro, participaram de aulas sobre psicanálise e de sessões de análise individuais e grupais ministradas no Colégio Cristo Rei, na cidade de São Leopoldo. Paralelamente ao movimento dos argentinos e dos brasileiros que voltavam de suas formações psicanalíticas em Buenos Aires, encontramos um caminho de ruptura com a *International Psychoanalytical Association* (IPA) já acontecendo em solo brasileiro e contando com o Curso *Christus Sacerdos* como um dos condicionantes desse processo de busca por espaços coletivos para a expansão do freudismo no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Psicanálise; Movimento Psicanalítico; São Leopoldo; *Christus Sacerdos*.

*Psicanalista. Doutora em Sociétés Occidentales Espace Temps Civilisations - Université Paris Diderot - Paris 7. Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Psicanalista. Mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

THE EXPERIENCE OF *CHRISTUS SACERDOS* (1966 – 1970) IN THE HISTORY OF THE PSYCHOANALYTIC MOVEMENT IN RIO GRANDE DO SUL

ABSTRACT

The present work deals with a historical clipping of the deployment of the psychoanalytic thought in the city of São Leopoldo and its reverberations in the psychoanalytic movement of Rio Grande do Sul. Based on the analysis of files and interviews, this research considers the elaboration and execution of the Christus Sacerdos Course (1966-1970) and the participation of analysts linked to the Carusian Circle and Jesuit priests in this course, with an emphasis on Renewed Theology and Psychoanalysis as a historical fact. The participating priests, all with important positions in the formation of the Brazilian clergy, participated in classes on psychoanalysis and in individual and group analysis sessions taught at Colegio Cristo Rei, in the city of São Leopoldo. Concurrent to the movement of Argentines and Brazilians who returned from their psychoanalytic trainings in Buenos Aires, we found a rupture path with the International Psychoanalytical Association (IPA), already happening in Brazilian soil and counting on the Christus Sacerdos Course as one of the conditions of this search process for collective spaces for the expansion of Freudianism in Rio Grande do Sul.

Keywords: Psychoanalysis; Psychoanalytic Movement; São Leopoldo; Christus Sacerdos.

LA EXPERIENCIA DE *CHRISTUS SACERDOS* (1966 – 1970) EN LA HISTORIA DEL MOVIMIENTO PSICOANALÍTICO EN RIO GRANDE DO SUL

RESUMEN

El presente trabajo trata de un recorte histórico de la implantación del pensamiento psicoanalítico en la ciudad de São Leopoldo y sus repercusiones en el movimiento psicoanalítico de Rio Grande do Sul. Con base en el análisis de archivos y entrevistas, esta investigación considera la elaboración y ejecución del Curso Christus Sacerdos (1966-1970) y la participación de analistas vinculados al Círculo Carusiano y sacerdotes jesuitas en este curso con énfasis en Teología Renovada y Psicoanálisis. como un hecho histórico. Los sacerdotes participantes, todos con cargos importantes en la formación del clero brasileño, participaron de clases de psicoanálisis y de sesiones de análisis individuales y grupales realizadas en el Colegio Cristo Rei de la ciudad de

São Leopoldo. Paralelamente al movimiento de argentinos y brasileños que regresaban de su formación psicoanalítica en Buenos Aires, encontramos un camino de ruptura con la Asociación Psicoanalítica Internacional (IPA) que ya se estaba gestando en suelo brasileño y contando con el Curso Christus Sacerdos como una de las condiciones de este proceso de búsqueda de espacios colectivos para la expansión del freudismo en Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Psicoanálisis; Movimiento Psicoanalítico; São Leopoldo; Cristus Sacerdos.

IMPLANTAÇÃO DO FREUDISMO NO RIO GRANDE DO SUL (1920–1970)

A implantação do freudismo ocorre por duas vias de acesso: a primeira, médica e psiquiátrica; e a outra, intelectual (literária ou filosófica). Partimos da tese de Gageiro (2001), que situa as décadas de 1920 e 1930 como o início do movimento no Rio Grande do Sul pela via literária com Martim Gomes, professor de ginecologia, com obras sobre seus próprios sonhos e romances, em que o médico interpreta seus pacientes a partir da psicanálise, e Dyonélio Machado, médico psiquiatra do Hospital São Pedro, que constrói personagens com elementos e conflitos psíquicos a partir da compreensão psicanalítica.

Em 1934, o curso *Elementos de Psicanálise* passa a ser lecionado por Celestino Prunes na Universidade do Rio Grande do Sul, além de Luiz Guedes, psiquiatra e professor por 37 anos na Faculdade de Medicina, que teve contato com a obra de Freud durante sua graduação em medicina no Rio de Janeiro.

A proximidade com a Argentina permitiu que Mario e Zaira Martins realizassem sua formação e retornassem ao estado, iniciando as análises didáticas, apontado por Gageiro (1997) como fundadores do movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. Zaira, que estudou e se analisou com Arminda Aberastury, tornou-se a primeira psicanalista de crianças e adolescentes do estado, na década de 1960. É a única mulher que a sociedade psicanalítica manterá em seu quadro sem formação médica.

Cyro Martins, também após sua formação na Argentina, formará com Mario e Zaira a primeira geração de analistas de Porto Alegre. Fundado junto aos analistas didatas, em 1957, o Centro de Estudos Psicanalíticos de

Porto Alegre que em 1963 é reconhecida pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) como Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). A SPPA manteve sua hegemonia junto à IPA por 20 anos e manteve estreitos vínculos com o movimento psiquiátrico gaúcho, mantendo a premissa de que “ser psicanalista é ser psiquiatra”, e alternando o poder entre a Direção de Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a direção da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Gageiro & Torossian, 2014).

Vetada aos não médicos a situação gaúcha da psicanálise foi encontrando movimentos para a ruptura com o legitimismo forjado pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) e aqui encontramos, em 1950, o movimento carusiano. Igor Caruso (1914-1981), psicanalista austríaco, participante da reconstrução da Wiener Psychoanalytische Vereinigung (WPV), após a Segunda Guerra Mundial, vínculo que seria rompido em 1947 com críticas as orientações excessivamente médicas e materialistas para a criação do Primeiro Círculo de Psicologia Profunda. Roudinesco e Plon (1998) apontam que Caruso queria dar à psicanálise freudiana uma orientação intelectual, espiritual e filosófica.

Caruso era bem-quisto pelos católicos que, até então, passavam pelo nome de Freud como um pansexualista. A Psicologia Profunda, outro nome dado aos Círculos Carusianos, crescia entre as sociedades não filiadas à IPA. O Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, em Pelotas, foi o primeiro Círculo fora da Áustria.

Em 1956, Igor Caruso esteve em Pelotas, Porto Alegre e São Paulo para uma série de palestras nas Universidades Católicas. A proposta de inclusão da dimensão filosófica e religiosa na visão de homem atraía adeptos ao Círculo. Na ocasião da estadia de Caruso no Brasil, fundou-se o Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda, destacado aqui pela assinatura na ata de fundação de Géza Kövecses, padre jesuíta e professor no Colégio Cristo Rei em São Leopoldo (Mallman, 2014).

Amoretti (1992) aponta interesse do Círculo em aproximar-se da Igreja Católica e, nesse momento de mútuo interesse, Géza elabora e coordena dois cursos para religiosos: o *Christus Sacerdos* para padres (e que, na edição de 1970, contou com 8 freiras, informação a que só tivemos acesso pelo arquivo do Curso) e o *Ancilla Domini* para freiras. O resultado dessa

experiência foi a saída de muitos religiosos e religiosas de suas Ordens Religiosas, alguns passaram a integrar o Círculo. Em 1971, por ordem de Dom Vicente Scherer, o curso chegou ao fim; entretanto, sendo os participantes grandes lideranças de formação do clero, o efeito continuaria refletindo em todo o país e nas mais diversas Ordens da Igreja.

A contribuição da tese de 2001, de Ana Maria Gageiro, e suas contextualizações históricas sobre a *Psicanálise no Rio Grande do Sul*, traz elementos sobre a existência de estudos nas décadas de 1950 e 60. Entre os membros do que, posteriormente, se chamaria de Círculos Carusianos, cuja proposta era de estudar Freud fora dos enquadres da IPA e com atuante presença de padres jesuítas de Pelotas e de São Leopoldo.

Este artigo se debruça sobre um recorte histórico da participação de analistas vinculados ao Círculo Carusiano e da presença dos padres jesuítas na elaboração e execução do Curso *Christus Sacerdos*, que teve cinco edições (1966-1970), com ênfase em Teologia Renovada e Psicanálise. Os padres participantes, todos com cargos importantes na formação do clero e vindos de todo o Brasil, participaram de aulas sobre psicanálise e de sessões de análise individuais e grupais, além das possíveis reverberações desse movimento na história da psicanálise no Rio Grande do Sul, visto que as atividades do curso foram ministradas no Colégio Cristo Rei, na cidade de São Leopoldo.

A metodologia do trabalho historiográfico utilizada por Roudinesco (1995) consiste em formar um *corpus* de pesquisa de quatro segmentos com ligação entre si. O primeiro diz respeito à identificação e catalogação de livros e teses dedicados ao estudo da História da Psicanálise no contexto histórico; o levantamento e a apuração das produções contribuíram para a difusão do freudismo no contexto estudado constituem o segundo item de formação do *corpus* de pesquisa; o terceiro diz respeito ao acesso a fontes impressas e arquivos, principalmente manuscritos e cartas de pessoas que desempenharam funções importantes do ponto de vista histórico; e o quarto é o recolhimento e a análise crítica de testemunhos, dando ênfase à tradição oral, identificando possíveis confrontos entre as narrativas e as fontes impressas e manuscritas.

A pesquisa que originou este artigo realizou 20 escutas de pessoas ligadas direta ou indiretamente ao momento histórico em questão, além

de quatro visitas presenciais ao Arquivo Provincial da Associação Antônio Vieira da Companhia de Jesus, na cidade de Porto Alegre (RS), com acesso supervisionado aos arquivos de Géza Kövecses e do Curso *Christus Sacerdos* e com a colaboração do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, que cedeu a obra *Comunicações*, de Kövecses, e artigos sobre a história do movimento Carusiano no Brasil.

Consideramos arquivos pertinentes ao fato histórico recolhidos do Arquivo Provincial, em especial os da pasta de Géza Kövecses, as crônicas do diário do *Christus Sacerdos* e os documentos que tratavam da experiência do Curso e suas reverberações na comunidade eclesial e o acesso parcial a escritos de Géza, chamados *Diário dos últimos Dias*, em que relata seu encontro com a morte, em 1967. A pesquisa conta ainda com os arquivos cedidos pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul sobre a história do Círculo Carusiano gaúcho e a obra *Comunicações* do Padre (Pe.) Géza Kövecses, que foi transcrita por João José de Oliveira Freitas em 1967.

Uma tiragem de 50 exemplares dessa obra foi entregue ao Padre Edvino Friederichs por João de Freitas em dezembro de 1967. O exemplar que compôs esta pesquisa é o de número 56, remetido em 2004 ao psicanalista Natal Facchini, e que foi disponibilizado para esta pesquisa pelo psicanalista Cleo Mallman, do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, em agosto de 2021.

A obra *Comunicações* aparece em uma ficha sem identificação e localizada na pasta de Géza com a seguinte inscrição:

03. 06. 1968 – deu a um leigo, ex- SJ, seus escritos que os multiplicou. Dois exemplares vão a Roma para censura.

Desse modo, os documentos encontrados no acervo histórico e esse último, enviado à Roma, encontrados no arquivo de uma instituição psicanalítica, tomaram grande parte do trabalho, especialmente, pelo tom testemunhal presente nas escritas.

A COMPANHIA DE JESUS (1844) NA COLÔNIA SÃO LEOPOLDO E O *CHRISTUS SACERDOS* (1966-1970)

A atividade da Companhia de Jesus iniciou na Colônia São Leopoldo, em 1844, vinte anos após a chegada dos primeiros imigrantes, que eram

em sua maioria protestantes. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul fazia parte do Bispado do Rio de Janeiro de 1748 a 1848, igualmente responsável desde a capitania do Espírito Santo até o Rio da Prata (Bohnen & Ullmann, 1989).

Os protestantes já haviam se instalado e elaborado um sistema de ensino nas comunidades e a igreja católica estava perdendo também o campo da educação. Em 1869, os jesuítas e as demais ordens católicas dariam início ao trabalho de formação de professores para atuar em escolas paroquiais no Ginásio Conceição (Bohnen & Ullmann, 1989).

O ponto de partida do desenvolvimento dos estudos e da chegada de padres de diversos lugares do mundo constitui-se, em 1953, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, embrião da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. *Virtus et Scientia* (Virtude e Ciência) tornar-se-ia o binômio orientador da atividade dos jesuítas em São Leopoldo (Bohnen & Ullmann, 1989).

Entre os professores citados e que enlaçam as primeiras notícias de grupos de estudos em Psicanálise em São Leopoldo está o docente Lucio Moehleck, que se ocupava da disciplina de Lógica. Moehleck, junto com Cirne Lima, estudou Filosofia na Alemanha, tendo retornado dos estudos e organizado um grupo para leitura de Freud, um caminho próprio e autodidata.

O Padre húngaro Géza Kövecses chega ao Brasil em 1953 e dois anos após aprender português ocupa a importante função de Orientador Espiritual dos sacerdotes em formação. Géza conversa com seus orientandos, ouvindo seus anseios e aconselhando-os. Para ocupar essa função, é necessária uma relação de extrema confiança, já que a figura do orientador espiritual não pode agir eclesiasticamente contra o orientado, deve ouvi-lo e aconselhá-lo. Era comum que os Orientadores Espirituais ouvissem anseios sobre as questões sexuais dos sacerdotes, cabendo salientar que a igreja enfrentava dificuldades na orientação dos padres para a manutenção do celibato. Questões intelectuais também o colocavam como orientador dos filósofos e teólogos do curso da Faculdade, que estava aberta para admissão de não-padres.

Géza foi orientador de Lúcio Moeleck e, entendendo a dimensão dos efeitos que o estudo em Psicanálise causava no grupo empreendido pelo jovem padre, Géza se dispôs a procurar Malomar Lund Edelweiss, também

padre jesuíta e diretor da faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas, que se analisou com Caruso, em Viena, de 1953 a 1956.

É a partir do trabalho de Géza na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que inicia o Curso *Christus Sacerdos* (1966-1970), o atual Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI) e antiga Faculdade que, em pequena nota divulgada nas redes sociais, enfatiza que o curso de quatro meses fora promovido e autorizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), sem nenhuma menção ao nome de Géza, e que teria contado com 78 participantes (Cecrei, 2020). Os arquivos de matrícula indicam a participação de 87 religiosos.

Entre os docentes das primeiras turmas do curso, na ênfase de Teologia Renovada, esteve Hugo Assmann, teólogo e educador, ordenado padre em Roma em 1958, precursor da Teologia da Libertação, recorrendo às Ciências Sociais como mediadora do discurso teológico. Assmann, após o golpe de 1964, teria entrado em conflito com o conservadorismo de Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre que, em 1968, exilou-se na Alemanha após o Ato Institucional n. 5 (Pucci, Oliveira, & Betty, 2012).

Os colegas de curso provinham de diferentes países (Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos e Itália) e de diferentes estados brasileiros (Amazonas, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e São Paulo), o que tornava o ambiente riquíssimo. (...) Sempre denominei o curso de 'A Cuernavaca Brasileira', aproximando-a da experiência mexicana. A nova visão teológica conciliar e a experiência da psicanálise, que se movia na linha de Igor Caruso, sacudiu-me profundamente e motivou-me a consumir a decisão de deixar a vida religiosa e voltar ao estado leigo (Leite, 2012, p. 46).

Em 1962, o então padre Grégoire Lemerrier recebeu no Mosteiro Beneditino da Ressureição, próximo a Cuernavaca, 60 monges para uma terapia grupal conduzida por dois psicanalistas da IPA. Após dois anos, Lemerrier e 40 monges participantes pediram saída da igreja. Roudinesco e Plon (1998) apontam que a Psicanálise na experiência de Cuernavaca trouxe respostas ao celibato e à castidade dos padres.

A Igreja Católica e a Psicanálise enfrentaram momentos pendulares, de um extremo a outro, que nunca cessaram e tiveram seu ápice entre

1960 e 1970. Da proibição de 1961 de clérigos e religiosos praticarem a profissão de psicanalistas e de se submeterem à análise sem autorização do bispo, passando pela experiência do Mosteiro Beneditino de Cuernavaca (1962) no México, e logo pelo “*aggiornamento*”, ou seja, abertura de diálogo proposta pelo Concílio do Vaticano II (1952-1965), conforme Araújo (2012). É essa relação pendular que encontramos na historiografia do Curso *Christus Sacerdos*.

GÉZA KÖVECSES (27/05/1921 – 12/06/1967)

Pareço calmo, sem paixões, calado, humilde... bem sei, porém, como se agitam as paixões, vulcanicamente, nos abismos da minha existência! (Kövecses, 1967, p. 6).

Géza Kövecses, nascido em 27 de maio de 1921 em Budapeste, na Hungria, onde finaliza sua formação em Teologia e ingressa na Companhia de Jesus em 1941. Segundo Spohr (2011), Géza segue seus estudos na Áustria, Itália e França e chega a Porto Alegre em 18 de novembro de 1953. Em 1955, começa a lecionar no Colégio Cristo Rei em São Leopoldo.

Ao elaborar a obra *Comunicações*, Géza escreve em seu Diário, em 02 de maio de 1967: “Há mais de dez dias que nada anotei no meu diário. A razão, entre muitas, é que ditei várias de minhas experiências no ditafone” (n.p.), o que entregaria, posteriormente, a João José de Oliveira Freitas, ex-jesuíta, pedindo uma revisão para após levar aos seus superiores e pedir as licenças necessárias para a publicação; Géza chamava a obra escrita de testamento. Duas vias foram enviadas por João aos jesuítas no dia 10 de setembro, porém sua morte ocorreria em 12 de junho. O livro, datilografado, conta com vinte e duas comunicações e, ao que indicam os registros do Diário de Géza, fora ditado em pouco mais de 10 dias.

Em *Introitus, Primeira Comunicação*, Géza esclarece que começa essa escrita a pedido de seus superiores. Em breve apresentação do texto e de si, Géza conta de sua vida, dos abismos da malícia, da presença de sua fé e sua experiência de “libido e orgulho” (Kövecses, 1967, p. 8).

Padre Géza, reconhecido pela tradução dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola* (1966), refere-se a um dos pontos em que o exercitante deve rememorar o passado, os lugares onde viveu cargos e

trabalhos, e, em seu leito de morte, Géza é acompanhado também de suas “memórias de pecado” (Kövecses, 1967, p. 8).

Acompanha também suas memórias de orgulho diante de familiares e dos seminaristas, seu destaque pessoal entre os irmãos biológicos e da igreja. “Após a entrada na Companhia (de Jesus) foi com muita dificuldade que suportei as humilhações [...] julguei os superiores, sobretudo se algo obstinados, autocráticos ou deficientes de bom senso [...] suportei mal conformado observações, críticas, humilhações [...]” (Kövecses, 1967, p. 8).

A libido e o orgulho, a sensualidade e a soberba são as fontes e raízes fundamentais, descritas por Géza, como acompanhantes durante a sua vida. Em um processo dialético e mediado pela sua crença: “Essas paixões aguçaram-me a sensibilidade para com os outros, possibilitando-me compreendê-los, ajudá-los e, ao mesmo tempo, trouxeram-me humildade no agir” (Kövecses, 1967, p. 8).

Em 1948, com 27 anos, Géza cursava o primeiro ano de estudos no Teologado da Companhia de Jesus, em Seged, sul da Hungria, quando a já República Popular da Hungria, governada pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros, governo antinazista e apoiado pelo Exército Vermelho (URSS), estatizou o sistema educacional que até então permanecia hegemonicamente nas mãos da Igreja Católica. Diante da resistência da Igreja ao novo regime, as propriedades do clero foram confiscadas e destinadas ao uso público. O cardeal da Hungria, József Mindszenty, se posiciona contrário ao Partido e incita que os fiéis organizem movimentos de oposição, resultando em intensas represálias e acusações de traição, levando o cardeal e mais 50 clérigos à prisão (Observatório da Laicidade na Educação - Olé, 2022).

É nesse cenário que Géza sai ilegalmente da Hungria, atravessando cidades e fronteiras “sem batina – trajando à paisana e... abraçando uma senhora conhecida” ou em fuga com guias clandestinos cantando canções populares, “como rapazes que voltavam bêbados de um bar ou restaurante”, ou com os óculos escondidos para não provocar desconfiança ao disfarce de camponês (Kövecses, 1967, p. 20).

Em 1951 e 1952, Géza registra sua passagem pela Itália. Nessa experiência foi banido de participar de estudos e pesquisas teológicas por suas posturas questionadoras e, muito frustrado, alega ter se voltado contra

a Igreja e seus superiores. Amparado por colegas, se sentiu confortado. Na *Oitava Comunicação*, Géza relata atitude hostil dos superiores, falta de orientação adequada e uma “olímpica” separação em que viviam os superiores, não entendendo o estado em que se encontrava, de que tampouco se moveram para o auxiliar. “Estavam imobilizados pela ‘lei’, pela mais severa ‘prescrição’. Deles só ouvi censuras e críticas” (Kövecses, 1967, p. 42). Uma íntima batalha de repressão e revolta, levando Géza a sinais de neurastenia e depressão.

Em 1953, começa seu último exame de formação na França, empreendendo estudos sobre os aspectos metafísicos da existência. É também designado ao Brasil – sentiu-se livre e dada “mais ou menos por encerrada” sua formação universitária. Atuaria como diretor da consciência no seminário, “um trabalho de aparência humilde, sem brilho exterior, escondido, que não exigia títulos ou diplomas especiais” (Kövecses, 1967, p. 43).

Sua chegada ao Brasil foi tão polêmica quanto a sua atuação junto aos padres orientadores: “Às vezes, aqui no Brasil, mesmo alguns colegas jesuítas – que estreiteza de mentalidade!! – opinaram sobre minha situação [...] com observações depreciativas, como se a eficácia pastoral se desvalorizasse por falta de certos diplomas” (Kövecses, 1967, p. 44).

Na comunicação chamada *A pedagogia da Interiorização*, Géza discorre sobre os 13 anos na prática de direção espiritual em seminário. O texto é um diagnóstico baseado em pesquisas sociorreligiosas sobre a conduta do sacerdócio brasileiro. Descreve a quantidade numerosa de homens não satisfeitos pelo sacerdócio e que buscam compensação em outras atividades, propondo a revisão dos métodos pedagógicos até então utilizados, já que lhe parecia um problema entre os seminaristas também.

Sporh (2011), padre jesuíta e historiador da Companhia de Jesus, ressalta que as preocupações de Géza com o clero brasileiro levaram-no a “alargar o seu campo de apostolado para fora dos limites do teólogo” (p. 322). Inicia, então, em 1957, a estruturação de um curso voltado a formadores do clero, que aconteceu entre 1960 e 1962, no Seminário de Viamão (RS), em três edições e com a presença de 520 padres. O embrião do que seria o futuro Curso *Christus Sacerdos* (1966-1970) foi interrompido em 1963, “para rever os métodos e os objetivos do curso” (Sporh, 2011, p. 345).

Em 1959, Géza escreve a proposta de criação de um Instituto para a Formação de Diretores de Consciência, que contaria com professores de um Instituto Psicológico, observando que, em breve, muitos padres estariam se formando psicólogos (documento retirado do arquivo de Géza Kövecses, datado de 1959, sob o título *Instituto Superior para Formação de Diretores Espirituais*).

Em seu material de uso pessoal encontram-se arquivos sobre a Antropologia Cristã, citada muitas vezes em *Comunicações* (1967). A forte influência de Karl Rahner (1904-1984), teólogo jesuíta participante da Comissão Preparatória do Concílio do Vaticano II, contribuiu para criar inovadores marcos de referência para o entendimento moderno da fé católica (Trevisol, 2014).

Percebemos que as filiações de pensamento de Géza estão em consonância com o que o Concílio apresentara de mais novo sobre a renovação teológica. No entanto, junto aos arquivos, encontramos cartas enfurecidas de seus colegas sobre as propostas progressistas de Géza. Sem assinatura, encontra-se um escrito junto aos documentos de nome *Necrológico*, semelhante a um inventário, em que consta o seguinte desfecho: “não se deve calar, que, principalmente nos últimos anos, ele criou grandes dificuldades aos superiores e que a mistura de direção espiritual, psicologia e psicoterapia foram funestas”.

No *Diário dos Últimos Dias*, de março de 1967, Géza relata seu processo de adoecimento em meio à segunda edição do Curso *Christus Sacerdos*. Géza morre no dia 12 de junho de 1967, em decorrência de um câncer, deixando em andamento seu trabalho no Curso *Christus Sacerdos*. Paire sobre as escritas dos cronistas do Curso a grande lamentação por parte dos seus dirigidos. Os analistas envolvidos no Curso também lamentam e suspendem suas atividades por algumas semanas.

A Psicanálise na vida de Géza e sua aproximação do Círculo Carusiano se apresenta na Décima Primeira Comunicação, *A minha análise didática*, em que Géza destaca três motivos que o levaram ao processo analítico: necessidade de introspecção, a exigência de reflexões mais acuradas para esclarecer e ministrar orientações aos seminaristas (chamada de profundidade dentro do clero) e, o terceiro, “a moda, então surgida entre os seminaristas, de ler livros sobre a psicanálise e aplicá-la a si mesmos” (Kövecses, 1967, p. 56).

Muitos professores talvez não houvessem lido nada a respeito do assunto e ficavam, por isso, mal qualificados perante os seminaristas. Era completa a desorientação nesse ponto e, como diretor de consciência, senti-me na obrigação de familiarizar-me com o problema, estudá-lo a fundo, para credenciar-me como orientador competente, capaz de dialogar sincera e proveitosamente com os seminaristas, à base sólida dos conhecimentos pessoais e de segurança quanto a realidade concreta, onde buscavam situar-se. [...] a psicanálise, entretanto, era coisa mais do que suspeita, sobretudo nos seminários, ainda pelos anos 1950 a 1960. Especialmente os padres e educadores do clero, mal ouviam falar no assunto, logo pensavam em apostasia ou, quando menos, em desvios, desorientação, perversões, sexualidade e não sei o que mais.

Igualmente os educadores e superiores dos seminários, com receio dos superiores maiores, não permitiam a nenhum dos padres analisar-se, pois – imaginavam, com certeza, que daí poderia desencadear-se a confusão de todo o seminário. Tratava-se, pois, de verdadeiro tabu, que abismava a todos. (Kövecses, 1967, p. 56)

Géza enfrentara muitas dificuldades para iniciar a análise e mantê-la em segredo. Somente seu superior provincial e o reitor do colégio Cristo Rei estavam a par, além do procurador da província, a quem depositou certa soma recebida para iniciar a análise. Seus colegas padres e professores tinham hostil atitude quando liam sobre análise, psicoterapia e psicanálise, e suponhamos que nada tenham sabido de seu processo. Se deslocava da cidade de São Leopoldo a Porto Alegre três vezes na semana, preparava protocolos, para registrar assuntos da sessão e desenhos, e estudava Psiquiatria, Análise, Psicologia, Personalidade e mantinha inalterado seu ritmo de trabalho e suas aulas no Colégio Cristo Rei, onde, pela via da docência, obteve o registro de psicólogo pelo Ministério da Educação e Cultura.

Nos escritos de Géza sobre seu processo de análise, é notório um ideal sublimatório, em especial das tendências que chama de libidinosas. Refere que sua experiência “positiva” difere das aversões, medos e receios que muitas pessoas tinham da análise. Géza defende a hipótese de que a análise tornaria a vocação sacerdotal mais autêntica, ou seja, confirmaria e não necessitaria de receios por parte dos superiores.

Géza inicia um trabalho de terapia grupal no Colégio Cristo Rei, reconhece que esse trabalho causou muitas dúvidas e discussões,

despertando suspeitas acentuadas. Ressalta que o processo terapêutico tinha um efeito sobre os sacerdotes, rompendo a relação infantil, imatura, dependente, tímida e medrosa com os superiores, obedecendo a autoridade dentro dos limites de poder do titular, conforme Géza Kövecses (1967), na *Décima Segunda Comunicação*:

Súditos antes tão mansos, tão cordatos, tão receptivos, de repente começam a opor objeções, manifestam dificuldades – isto é, o que antes conservavam encerrado em si mesmos, conseguem agora exteriorizar.

Esse fato, às vezes, irrita mesmo os educadores – professores – por exemplo; desperta neles agressividade contra os alunos; piora a situação, caso os alunos em terapia conservem a calma, ficando quietos, mantendo-se objetivos: o educador pode até sentir-se perdido na luta; sua agressividade não surtiu efeito; sente-se quiçá, humilhado. Recrudesce, então, mais ampla a agressividade, não mais restrita a tal pessoa, mas eventualmente, contra toda a terapia, como se estragasse a autoridade do educador. (p. 62)

Para Géza, as inquietações dos seminaristas proporcionavam uma oportunidade autêntica de diálogo, com base na realidade e não no mundo irreal pregado pelos professores. Segue pontuando que o medo maior de seus superiores era de que a terapia grupal e a análise mudassem as estruturas do seminário, com o que, de fato, concordava, porém sem medo das mudanças. Apontando que metade dos seminaristas do Colégio estavam nesse processo, em contínua reflexão sobre si e sua relação com os outros, o que influenciava os colegas que não se analisavam.

Géza aproximou-se do Padre Malomar Edelweiss que, em 1956, era diretor da Faculdade de Filosofia de Pelotas, onde criou anexo do Instituto de Psicologia quando retornou de Viena após sua análise com Igor Caruso. A convite de Malomar, Caruso vem ao Brasil para uma sequência de conferências. Amoretti (1992), em transcrição de entrevista com Malomar, realizada em 1990: “(Caruso) apresentou-nos uma nova orientação, de certo modo existencialista, mas, num certo sentido, cristã, humanista”, e completa “pastoral, religiosa, católica” (p. 114).

Géza fará parte desse movimento reconhecido como Escola Carusiana de Psicanálise, que realizou, em 1966, em Innsbruck (Áustria), a fundação da Federação Internacional de Círculos de Psicologia Profunda. Spohr (2011) afirma que, em 1966, padre Géza teria sido liberado para participar

de um Congresso de Psicanálise na Áustria. Sua ligação com os carusianos e sua assinatura na ata de fundação do Círculo Brasileiro em 1956, como descrito por Malmann (2014), sugerem que Géza esteve entre os presentes desse que seria o maior evento da Escola Carusiana (Amoretti, 1992).

Ao historiografar o pensamento Carusiano, Amoretti (1992) relata que o Círculo Vienense de Psicologia Profunda era um centro de estudos em que psicanálise, ecumenismo, etologia, antropologia, psicologia analítica e existencial eram abordados de maneira ampla e sistemática, atraindo adeptos e incluindo novos estudos, como os dos pensadores da escola de Frankfurt, além de textos de Marx. É, então, em 1966, ao fundar a Federação Internacional de Círculos de Psicologia Profunda, que Caruso propõe a existência de um “mínimo divisor comum” entre os envolvidos: técnica psicanalítica clássica (freudiana) e abertura a todas as questões sociais. Considerando seu giro de pensamento sobre a transcendência horizontal e histórica, “é na história que os homens concretos, com esperança e através da práxis, terão de conquistar sua libertação e dar sentido às suas vidas” (Amoretti, 1992, p. 120).

É verdade que mais tarde, em 1971, após a morte de Géza, Caruso virá a se confrontar com o destaque e a projeção como um líder de um movimento de matiz religiosa, e quem escreve, em 1971, para a *Revista Estudos de Psicanálise* um artigo chamado “Prolegômenos ao Diálogo entre Psicanálise e a Religião”. O texto é referido pelo autor como uma autocrítica de quem buscava na psicanálise elementos que ela não poderia fornecer, uma “*anima naturaliter christiana*” (alma naturalmente cristã), como uma prova para os princípios fideístas. Os carusianos sentiriam o impacto dessa contradição e abandonariam o estudo de Caruso dentro do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Essa contradição está colocada durante toda a duração do Curso *Christus Sacerdos* e nos efeitos descritos sobre os participantes. Géza não viveu tal contradição e nem colheu os efeitos de sua proposição, deixando uma obra inacabada que idealizava um padre santo como Cristo, inspiração para o nome *Christus Sacerdos*. Caberia ao Padre Oscar Mueller a direção do Curso; e ao Padre Frederico Lauffer, a continuidade no secretariado de 1967 a 1970.

CHRISTUS SACERDOS (1966-1970)

O Curso *Christus Sacerdos* iniciou em 1966 destinado à formação de educadores de seminários e realizado na Faculdade Teológica do Colégio Máximo Cristo Rei, em São Leopoldo, RS. Foi um curso de pós-graduação que, no início, teve duração de 4 meses, de terça a sexta-feira, dividido em três turnos: manhã e tarde, destinados aos assuntos de reflexão teológica e sociocultural, e o programa noturno reservado à Psicologia, com duas aulas de exposição e reflexão, além de uma hora de terapia e dinâmica de grupo, com assistência de dois analistas. Posteriormente, o tempo do curso foi estendido para 8 meses.

De 1966 até 1970, o curso contou com a participação de 87 religiosos, sendo que, no ano de 1970, admitiu-se a entrada de 8 irmãs, freiras sem ordem religiosa especificada nos documentos. Há testemunhos orais e apenas uma ficha no acervo do Padre Géza sobre a existência de um Curso chamado *Ancilla Domini*, A Serva do Senhor (tradução nossa), para Freiras, que acontecia paralelamente ao *Christus Sacerdos*.

O programa do Curso era composto por uma parte teológica, contando com as disciplinas: Teologia da Igreja e Teologia do Sacerdócio à luz do Vaticano II, Teologia da Fé (Aspectos Psicossociológicos, Psicológicos, Teológicos), Renovação da Teologia Moral (Problemas Atuais) e Teologia Espiritual e Liturgia. A segunda parte, descrita como Sociocultural, com disciplinas sobre a Mentalidade Contemporânea e Análise da Situação Brasileira; e a terceira parte Psicológica e Prática, com disciplinas de Psicologia da Personalidade e Evolutiva, Desenvolvimento da Psiquiatria, Psicopatologia das Neuroses e Perversões, Psicodinâmica de Grupo e Aconselhamento Pastoral.

Durante os relatos, encontramos os termos “psicoterapia”, “terapia”, “psicoterapia psicanalítica”. Nossa hipótese é de que esses outros nomes não afrontavam demasiadamente e diretamente a hegemonia da IPA e eram melhor acolhidos dentro da Igreja.

Os registros das aulas estão em crônicas nos Diários do Curso *Christus Sacerdos* de 1967, 1968, 1969 e, parcialmente, de 1970. Nos arquivos disponibilizados não encontramos registros de 1966. Essas notas diárias eram escritas por um cronista, participante do curso e

designado para tal função, e somente no registro do Curso de 1967 é possível identificar o nome do cronista – trata-se de Natal Facchini –, e os demais diários não foram assinados.

O acesso aos materiais nos permite captar as impressões dos Padres acerca do Processo Analítico. É possível identificar que Géza tinha, como princípio de trabalho, o controle do andamento do Curso; nota-se sua participação nos grupos na posição descrita como Observador e em suas reuniões com os analistas. As reuniões foram mantidas pelo Pe. Oscar Mueller, mas seu método de controle partia da escrita e dos relatórios que solicitava aos participantes do curso.

É em tom defensivo e de extremo controle que os padres coordenadores conseguiram autorização dos superiores para manter o curso durante as suas quatro edições. Os participantes, todos com formações universitárias, inclusive de fora do país, faziam reflexões positivas sobre o Curso. O momento de abertura após o Concílio do Vaticano e o ambiente de fraternidade produzido pelo encontro entre sacerdotes de todo o país favorecia a experiência. A experiência de encontro, relatada no testemunho do cronista, entre os participantes e analistas, era um fator diferencial no curso. É notório, durante as entrevistas, que se produzam discursos sobre os efeitos da experiência da análise na vida dos participantes.

Amparando-se em visões progressistas e em seu estreito vínculo com os psicanalistas do Círculo Psicanalítico, sem nunca se nomear psicanalista e não pretender a formação de analistas, mas com a formação de educadores de seminário, Géza possibilitou a experiência da análise fora do legitimismo da IPA para 87 religiosos, sendo 79 padres e 8 freiras de diversas ordens e congregações. Em 1967, pouco antes da morte de Géza, o curso contou com a participação de Michel de Certeau, padre jesuíta no *Christus Sacerdos*.

A passagem de Michel de Certeau pelo *Christus Sacerdos* apareceu inicialmente em entrevistas. Durante a coleta do material histórico, apareceram outros elementos sobre os seminários ministrados pelo jesuíta. Seu nome não foi encontrado no registro oficial de visitas, mas suas aulas estão descritas no registro de uso das salas. Nota-se no Registro Aulas sobre Levi Strauss e Michel Foucault. O material se complementa com a escrita de Géza, em *Comunicações*:

Nesse ano, passou pelo Cristo Rei um sacerdote francês, o Padre Michel de Certeau, S. J., que trabalha em Paris na sua especialidade: formação do clero. Conversou com diversos teólogos e, observando a mentalidade reinante, mostrou-se surpreso, otimamente impressionado – fazendo constar isso de relatório – pelo ambiente em franco processo de maturação. Segundo esse especialista, a abertura de horizontes e a objetividade são maiores que nos próprios escolasticados franceses. Nota-se que, reconhecidamente, um dos mais abertos da Europa é o de Fournier, em Lyon (Kövecses, 1967, p. 63).

Michel Jean Emmanuel de la Barge de Certeau, nascido em maio de 1925 e ordenado sacerdote, passa a integrar, em 1956, a equipe da revista *Christus*. Certeau, dedicado ao trabalho de erudição, no cruzamento entre a atividade do arquivo e da investigação histórica, inicia suas reflexões sobre a operação historiográfica. Em 1964, esteve ao lado de Lacan na fundação da Escola Freudiana de Paris e, entre 1966 e 1967, esteve em suas duas primeiras viagens para a América Latina, de forma que esteve no Brasil nas duas oportunidades (Vidal, 2005).

Em 1969, dois anos após suas aulas no *Christus Sacerdos*, Michel de Certeau se vincula ao Departamento de Psicanálise na Universidade de Paris VIII, fundado por Serge Leclaire. Roudinesco, aluna de seus seminários, descreve Certeau como um “teórico e historiador rigoroso, aberto às interrogações e encorajando-a a trabalhar as questões históricas do freudismo” (Roudinesco, 1995, p. 45).

As viagens realizadas pelo historiador representavam momentos de importante experiência e questionamento das grades teóricas e do funcionamento institucional da Igreja. No ano seguinte aos seminários no *Christus Sacerdos*, em 1968, sensível à situação política e social brasileira, em plena ditadura militar, solicita que seja enviado ao Brasil, e tem seu pedido negado (Vidal, 2005).

Vidal (2005) aponta as aproximações de Certeau com Dom Hélder Câmara e Jacques Laberge nas várias visitas ao Brasil. Laberge, jesuíta canadense, apontado nas entrevistas como precursor do movimento lacaniano, junto a Ivan Correa, no Brasil. Jacques Laberge, Ivan Correa estiveram com Louis Beinaert na Associação Médico Psicológica de Ajuda aos Religiosos (A.M.A.R), em Paris. A participação de Michel de

Certeau no *Christus Sacerdos* se dá apenas 3 anos após a fundação da Escola Freudiana de Paris ao lado de Jacques Lacan.

IGREJA CATÓLICA E PSICANÁLISE: EFEITOS DO *CHRISTUS SACERDOS* NO MOVIMENTO PSICANALÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL

Géza Kövecses (1967) sintetiza três pontos de acusação levadas aos superiores: a psicoterapia como um fator de diminuição na capacidade de trabalho, naturalização da atitude no plano espiritual e um efeito antissocial e agressivo nos seminaristas. Em defesa de seu trabalho, Géza relembra que terapia no seminário serve como preparação para as experiências do seminarista, abrindo horizontes mais objetivos. Reitera: “seminário não é sanatório” (Kövecses, 1967, p. 66).

Oscar Mueller apresenta o livro *Batalha Contra Deus* (1977), de Natal Facchini, publicado 10 anos após a participação no *Christus Sacerdos*. Natal se tornou um grande nome no movimento psicanalítico de Porto Alegre, fazendo parte do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul. Esse livro é uma obra testemunhal da saída de Facchini da Igreja, de seus dilemas e de suas contradições com a fé.

O Padre Léo Seno Etges escreveu um *Memorandum* ao Padre Theobaldo Frantz, então membro do conselho técnico-administrativo, sobre a terceira provação do *Christus Sacerdos* em São Leopoldo, primeira edição a iniciar após a morte de Géza. Nesse documento, de janeiro de 1968, aborda a negativa do Padre Oscar Mueller de iniciar o Curso sem a psicoterapia. Etges se pergunta: “Vamos querer repetir Cuernavaca?”. Explica que o mosteiro fechara após introduzir a psicoterapia. Segue: “No atual Curso *Christus Sacerdos*, dois dos componentes tem namorada com a qual vão à missa. Vão largar tudo”.

Etges segue afirmando que Mueller não conheceu os problemas ocasionados pelo Curso, que os participantes teriam idade demais para “boa terapia” e salienta o aspecto pobreza:

Terapia custa os olhos da cara. Se fosse dar resultados certos, vá lá. Mas depois termos mais gente com mais problemas! O Pe Bohnen que acompanhou de perto o assunto da terapia no Cristo Rei dizia não se lembrar de alguém que tivesse melhorado notavelmente, nem o próprio Géza!!! (n.p.).

Um dos questionamentos levantados é sobre o conhecimento de Géza Kövecses sobre a experiência psicanalítica no mosteiro beneditino mexicano de Cuernavaca. Nas *Comunicações*, Géza (1967) esclarece:

Reconheço, por conseguinte, perigo na psicoterapia grupal, como também na terapia ou análise individual. Lembro, a propósito, a experiência de análise grupal efetuada no Mosteiro Beneditino de Cuernavaca, no México. Dentro dos conhecimentos científicos atuais da humanidade, considero essa iniciativa, em si, boa, notável mesmo, porém fundamentalmente defeituosa. Consistiu a falha básica, em primeiro lugar, na circunstância dos analistas escolhidos não conhecerem a fundo a vida religiosa, embora tivessem vivido algum tempo entre os religiosos. Além disso, entraram em análise grupal a quase totalidade do Mosteiro. Em consequência, saturou-se de análise o ambiente de toda a comunidade. Se, como nesse caso, além da atmosfera analítica absorvente, os próprios analistas forem ortodoxos, poderão, inconscientemente, projetar na comunidade horizontes de Psicanálise ou Psicoterapia conforme à sua mundivisão, à sua Antropologia Freudiana ou de outra corrente. Essa visão, como novidade, impressiona, exalta os analisandos, os quais facilmente absolutizam os novos valores – que não passam de meramente relativos. Correspectivamente, passam a rejeitar muitas coisas, que talvez conviesse reter, conservar e transformar em nova síntese (pp. 66-67).

Sobre o Curso *Christus Sacerdos*:

Da experiência realizada em São Leopoldo, concluo que a análise grupal dentro do seminário, deve preencher determinadas condições fundamentais, indispensáveis, para ser bem conduzida e atingir, satisfatoriamente, os fins colimados. Em primeiro lugar, o analista, terapeuta, o coordenador esteja imbuído de Antropologia Cristã, ou pelo menos, de Antropologia Personalista, que aceite, sinceramente, de coração, os valores do cristianismo. Não significa que isso vá ele propor uma Antropologia (ilegível). Absolutamente! Deve restringir-se aos limites da análise, mas orientar sempre as interpretações conforme os horizontes da visão cristã, procurado como ideal a personalização, segundo uma Antropologia cristã, vívida e integral (p. 67).

A aproximação do *Christus Sacerdos* a uma versão de Cuernava ou A Cuernavaca Brasileira gera discordâncias se colocarmos a perspectiva

histórica do movimento do freudismo na situação gaúcha. O Mosteiro Beneditino é um espaço fechado, em clausura, e o processo foi conduzido por analistas vinculados à IPA. Lemerrier redigiu um memorando, em 1965, contando sobre a experiência de Cuernavaca, o qual foi publicado no Brasil, em 1977, e intitulado *Psicanálise e Religião*.

Nesse texto, Lemerrier afirma que resistira à tentação de escolher psicanalistas católicos, ou seja, que os reconhecia existentes. Seu projeto foi de incluir na experiência dessas análises uma psicanálise que fosse “ímpiedosa” e que deixasse desvelados os enganos e as mentiras do sentimento religioso. Para Lemerrier (1977- escrito em 1966): “A ascese dos padres no deserto é uma imensa psicanálise” (p. 11).

Entende-se que, historicamente, o Curso *Christus Sacerdos* tem proposições e condicionantes das rupturas com a IPA, em especial as empreendidas por Igor Caruso, e que essa marca tem um efeito significativo no movimento psicanalítico do Rio Grande do Sul. Além do conhecimento de Géza sobre a experiência mexicana, sua preocupação consistia em iniciar uma nova proposta que mostrasse aos superiores um conhecimento sobre a psicanálise que fosse bem-vista aos olhos da Igreja em relação a Cuernavaca.

O desejo de falar em nome próprio e de seguir a análise, negada pelos superiores após o curso, é um marco fundamental dos efeitos do processo analítico e do ensino proporcionado pelo *Christus Sacerdos*. E, em especial, o efeito de desfazer o movimento separatista, conforme apontou Araújo (2012), que admitia o valor terapêutico da técnica analítica e rejeitava parte importante de sua teoria.

As aulas e as discussões que eram propostas no *Christus Sacerdos*, embora visassem à formação do clero, proporcionavam um espaço de movimento do pensamento. O fato é que os efeitos colhidos por essa experiência permaneceram escondidos nos arquivos provinciais por mais de 50 anos, e a perda de memória, a clausura e a morte de muitos participantes tornaram os relatos escassos.

CONSIDERAÇÕES

O movimento pendular entre Igreja e Psicanálise, conforme propõe Araújo (2012), de uma rejeição obstinada à acolhida acrítica, de uma

condenação rigorosa à um ingênuo concordismo também é encontrada ao historiografar o Curso *Christus Sacerdos* e seus efeitos do Movimento Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

A década seguinte ao curso demonstra significativas movimentações. Citamos, em 1972, os ex-padres jesuítas Ivan Correa e Jacques Laberge, em Recife, que recebem Fernando Calsavara, um dos analistas da última edição do Curso *Christus Sacerdos*, e passam a dividir o consultório. Em 1975, junto dos demais colegas, fundam o Centro de Estudos Freudianos (Pieiro, 2016).

Siegfried Kronfeld, Gerda Kronfeld, Paulo Brandão, Alberto Ribeiro, Ary Wolffenbuttel fazem parte da constituição, junto com Géza Kövecses e Malomar Edelweiss do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, instituição que recebeu, posteriormente, Natal Facchini, cronista da segunda edição do *Christus Sacerdos*. Ana Callegari, analista que trabalhou na última edição do curso, fez parte da primeira diretoria da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Entre os psicanalistas convidados por Géza, Aloysio Koehler e Ary Wolffenbüttel são apontados por Gageiro e Torossian (2014) como precursores do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 1971, abrindo espaço para formações em psicologia que legitimassem a prática analítica fora dos enquadres da IPA.

Paralelamente ao movimento dos argentinos e dos brasileiros que voltavam de suas formações em Buenos Aires, esta pesquisa encontrou um caminho de ruptura com a IPA já acontecendo em solo brasileiro e tendo o Curso *Christus Sacerdos* como um dos condicionantes desse processo. Analisando e analistas que romperam com a relação pendular entre Igreja e Psicanálise rejeitaram o dogmatismo da IPA gaúcha e buscaram formar espaços coletivos para a expansão do freudismo no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- Amoretti, R. (1992). Labirintos da identidade: fragmentos da história do CBP. *Estudos de Psicanálise*, 14, 113-123. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- Araújo, R. T. (2012). *Deus analisado: Os católicos e Freud*. Tese de Doutorado em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro.
- Bohnen, A., & Ullmann, R. A. (1989). *A Atividade dos Jesuítas de São Leopoldo 1844-1989*. São Leopoldo: UNISINOS.
- Cecrei (2020). Documentos do Curso *Christus Sacerdos*. Arquivos internos do Centro de Espiritualidade Cristo Rei. (acesso interno).
- Facchini, N. (1977). *Batalha contra Deus*. [s.l.]: Diagramação Antonio Herranz.
- Gageiro, A. M. (1997, outubro). A implantação do freudiano no Brasil. In *Correio da APPOA*, 51, Porto Alegre.
- Gageiro, A. M. (2001). *A história da Psicanálise em Porto Alegre*. Tese de Doutorado [inédita]. Paris: Paris 7.
- Gageiro, A. M., & Torossian, S. D. (2014). A história da Psicanálise em Porto Alegre. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 3(4), 117-144. Recuperado em 08/01/2022 em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v3n4/v3n4a07.pdf>
- Kövecses, G. (1967). *Comunicações*. Transcrição e Organização de João José de Oliveira Freitas. Porto Alegre, RS.
- Leite, L. O. (2012). *Octogesima Adveniens, chegando aos oitenta...* [s.l.]: Entrementes.
- Lemercier, G. (1977). *Psicanálise e religião*. Trad. Glória Villela e Luiza Barreto Leite. Rio de Janeiro: Brasília/Rio. (Trabalho escrito em 1966).
- Mallmann, C. J. (2014). História e genealogia do CPRS e do CBP. *Estudos de Psicanálise*, 41, 75-86. Recuperado em 05/01/2022 em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100008
- Mueller, O. (1977). Apresentação. In: Facchini, N. *Batalha contra Deus*. [s.l.]. pp. 9-10. Diagramação Antonio Herranz.

- Observatório da Laicidade na Educação – Olé. (2022). *Hungria*. Universidade Federal Fluminense. Recuperado em 10/01/2022 em: <http://ole.uff.br/hungria/>
- Pieiro, J. (2016). *Ivan Corrêa: Senhor de lugares e palavras*. Recife: Cepe.
- Pucci, B., Oliveira, C., & Betty, C. (2012). Hugo Assmann: da Teologia da Libertação à Educação para a Sensibilidade. *Comunicações*, 15(1-2), 11-38. Recuperado em 06/01/2022 em: <http://files.letraslusitanas.webnode.com/200000130-a4b8ea5b2b/artigo-hugo-assmann.pdf>
- Roudinesco, E. (1995). *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Spohr, I. (2011). *Memória de 665 jesuítas*. Porto Alegre: Livraria e Editora Padre Reus.
- Trevisol, V. (2014.). *O ser humano em Karl Rahner: Do transcendental ao pessoal*. Dissertação de Mestrado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC, Porto Alegre, Brasil.
- Vidal, D. G. (2005). Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas. In Faria Filho, L. M. de (org.). *Pensadores sociais e história da educação*. pp. 257-284. Belo Horizonte: Autêntica.